



IDENTIDADE CULTURAL E FUTEBOL: A construção da identidade brasileira no discurso midiático do Jornal Nacional na Copa 2014¹

Marisa de Oliveira GOMES²

Gustavo Fortes SAID³

Universidade Federal do Piauí

RESUMO

O presente trabalho analisou as características da identidade brasileira através do futebol presentes nas matérias jornalísticas do Jornal Nacional, tendo como pano de fundo a Copa do Mundo 2014. A partir das revisões teóricas sobre identidade cultural o trabalho evidenciou a questão identitária pelo viés de alguns acontecimentos históricos que influenciaram no compartilhamento de significados nas culturas. No Brasil o nacionalismo se dá principalmente na copa do mundo de futebol reforçado pelo discurso da mídia. As matérias foram analisadas a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) sob o viés categorial-temático. As categorias analisadas nas matérias do Jornal Nacional foram divididas de acordo com as características identitárias do Brasil na sua construção histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Brasileira; Futebol; Jornal Nacional; Copa 2014

Introdução

A identidade brasileira está intimamente ligada às manifestações culturais e sociais que permeiam o país, dentre essas manifestações o futebol é apresentado ao mundo como esporte de marca identitária da cultura brasileira. Ao longo do tempo o esporte foi se firmando e o Brasil se tornou o “país do futebol”, porém, não o futebol comum, aqui se joga o “futebol-arte”. Essa diferenciação nasceu para distinguir os latino-americanos e os Europeus na forma de jogar. Utilizando um discurso já solidificado no país a mídia reforça essa identidade brasileira através de elementos culturais presentes no futebol jogado no Brasil, que vai além de um esporte, consiste em uma manifestação social.

1 Trabalho apresentado no IJ – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

2 Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí- UFPI.
Email: marisa.ogomes@hotmail.com

3 Orientador do trabalho. Professor titular do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí.
Email: gsaid@uol.com.br



Este trabalho é fruto da monografia de conclusão de curso de mesmo título apresentado ao curso de comunicação social da Universidade Federal do Piauí. Esse trabalho analisou como o telejornal da Rede Globo, o Jornal Nacional, constrói e reafirma a identidade brasileira expressa pelo futebol na Copa do Mundo de 2014. A pesquisa procurou entender de que maneira essa identidade ainda se apresenta em meio às mudanças culturais e sociais ocorridas do Brasil ao longo do tempo devido aos movimentos históricos. Os estereótipos que permeiam as características do brasileiro também foram evidenciados à medida que os jogadores da seleção brasileira representavam a própria sociedade com seus medos, hábitos, emoções e crenças.

A partir das discussões teóricas utilizou-se autores Gilberto Freyre (2003), Darcy Ribeiro (1995) e Roberto DaMatta (1982, 1997) para entender a formação social do Brasil e as características culturais. Do início da colonização portuguesa aos dias atuais o Brasil possui características peculiares na miscigenação das raças e das relações sociais importantes nas discussões identitárias.

As edições do Jornal Nacional foram analisadas através da metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). As edições foram desmembradas através das matérias contidas em cada uma e divididas em seis categorias que caracterizam a *brasilidade* no futebol. A análise consistiu em evidenciar através das matérias do JN os estereótipos e características da identidade brasileira proposta pelos autores acima citados.

Identidade cultural

Ao longo do século XVIII com a emergência da revolução industrial e das mudanças econômicas e políticas as discussões sobre identidade foram alargadas tratando o sujeito não mais individualmente, mas como inserido nestas estruturas. Essa visão mais social do sujeito foi para Hall (2006) resultado de dois grandes eventos: a biologia darwiniana e a ascensão das ciências sociais. O indivíduo passou a estar em uma posição central nos discursos econômicos e sociais, e os processos mentais começaram a ser objetos de pesquisa da psicologia. A dualidade indivíduo/sociedade passou a ser investigada do ponto de vista sociológico de como essas estruturas estão separadas e ao mesmo tempo conectadas e como o “eu” é apresentado referente ao conflito entre os diferentes papéis sociais que desempenha (HALL, 2006, p.32).

As identidades invocam algo que parece pertencer a um passado histórico, do qual se formam a partir da linguagem, da cultura e da história para explicar não o que se é, mas que se



tornou (HALL, 2000). Essa narrativização do eu invoca ao sentido de pertencimento que é construído no imaginário. A identidade é marcada no jogo da diferença, se baseia na diferenciação com o outro, se é o que é, porque o sujeito não se reconhece como o outro. A construção da identidade utiliza os artifícios históricos, biológicos, culturais, aparatos de poder, fantasias pessoais, crenças religiosas (CASTELLS, 2003). Com base nesses artifícios a identidade deixa de lado o que não faz parte desses aparatos, por isso a construção da identidade preza pelo que é simbólico e que faz sentido ao grupo, aqueles que não se identificam participam de outros processos.

Para Hall (2006) as identidades são construídas historicamente através de mudanças do “eu”, o sujeito assume uma identidade diferente em cada momento. Distingue as mudanças do sujeito na história que enfatizam essa construção identitária, então se tem o sujeito do iluminismo, um ser dotado de razão e consciência; o sujeito sociológico no qual era formado na relação com os outros que mediavam para o sujeito os valores e símbolos (cultura) do mundo no qual habitava; e o sujeito pós-moderno que não possui uma única identidade, elas não são formadas ao redor de um “eu” coerente, são múltiplas e cambiantes. A identidade pós-moderna explica a complexidade da discussão nos tempos atuais pelos deslocamentos das identidades.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Com a multiplicidade de representações sociais e culturais as identidades são constantemente deslocadas, os modos de vida e o rearranjo do tempo/espço propiciam uma interconexão com outros povos. Bauman (2005) cita as pessoas em busca de identidade como diante de uma tarefa impossível, pois as tarefas não podem ser realizadas no “tempo real”, mas serão realizadas na plenitude do tempo.

O autor define as comunidades como as entidades no qual as identidades se definem, e que podem ser de duas formas, as comunidades de vida e de destino, no qual os sujeitos “vivem juntos numa ligação absoluta”, ou são “fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios” (BAUMAN, 2005, p.17). A questão identitária quando ligada à comunidade o faz por meio de idéias que as mantêm unidas, tentam conciliar demandas contraditórias ou incompatíveis para manter a unidade. Essa forma de conciliar ideias torna



consciente a noção de pertencimento, pois os indivíduos só se veem como tal quando há o sentimento de pertença a determinado lugar, na maioria das vezes ao local de nascimento no qual compartilha dos mesmos símbolos dos companheiros de comunidade.

Devido às mudanças estruturais das sociedades modernas do final do século XX as bases já conhecidas de paisagens culturais de raça, etnia, cultura e nacionalidade vêm sendo fragmentadas. As múltiplas identidades no qual o sujeito deve lidar é fruto principalmente da globalização que reestruturou as sociedades que deixarem de ser tradicionais e passaram a ser estruturas mais complexas, isso mudou a forma de compreensão do sujeito agarrado às tradições e estruturas.

As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser” – a ordem secular e divina das coisas – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. O nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Iluminismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. (HALL, 2006, p.25)

A identidade nacional sempre foi tratada como algo quase que obrigatório de todo indivíduo, essa noção de pertencimento ao local onde nasceu consiste para Bauman (2005) em uma exclusão. A forma de distinguir “nós e “eles” traçando uma fronteira exclui aqueles que não se enquadram no que foi denominado identidade nacional. Ser cidadão de uma nacionalidade é o ponto de identificação e diferenciação em qualquer lugar do globo, essa noção de pertencer através do nascimento foi algo construído socialmente e instituído através do sistemas de significação.

A experiência da diáspora é pra Hall (2003) a perspectiva de formação que as identidades culturais assumem hoje, a partir da migração é que os sujeitos podem descolar-se tanto no tempo como no espaço, com isso as identidades se tornam múltiplas. Partindo da leitura da obra do autor, Escosteguy (2010) afirma que a identidade é uma busca permanente, está em construção, trava relações com o passado e com o futuro e implica movimento. O conceito de diáspora na construção da identidade cultural se baseia no sentido de diferença, no qual a fronteira de exclusão da identidade está implícita em uma oposição de dentro e fora em relação ao “outro”. .

Presume-se a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linguagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a lago tão “mundano”



secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p. 28)

Antes de as identidades culturais tornarem-se híbridas através do processo de globalização, essas identidades eram centradas em um ponto de referência, uma etnicidade própria de um lugar pertencendo a um determinado período histórico particular do Estado-Nação. Com a modernidade e supressão dos conceitos nacionais através do surgimento de uma economia global essas posições nacionalistas foram perdendo força no contexto de organização supranacional. Mesmo que a relação do Estado-Nação com as posições particulares de identidade tenham enfraquecido, há uma tendência à integração multinacional através da economia e cultura e um fortalecimento também das particularidades locais. O que pode ser observado é “a erosão dos nacionalismos dos principais estados da Europa Ocidental e o fortalecimento tanto das relações transnacionais como de identidades locais” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 151).

Esse processo cultural é representado na América Latina pelos estudos de Martín-Barbero (2008) e Canclini (1995, 2000) que chamam atenção para essa incorporação de sentidos através de imagens impulsionadas pelo consumo dos bens norte-americanos e incorporação dessa cultura. Porém, pensar a América Latina é reconhecer a densidade e pluralidade cultural existentes, Martín-Barbero (2008) reitera que os países latino-americanos são um espaço de conflito profundo e de dinâmica cultural incontornável. O popular, nestes países, não se expressa somente pelas culturas indígenas, mas das mestiçagens e massificação urbana. O lugar decisivo da análise cultural na América Latina é a televisão, por meio das publicidades, videoclipes e dramaturgia que refletem a dramaticidade do latino e a cidade nas implicações da construção das identidades.

As práticas culturais populares são na obra de Martín-Barbero, essenciais na preservação das identidades culturais na América Latina, como sua reestruturação às demandas modernas. O autor critica as teorias que relacionam o latino-americano a uma condição purista que segundo o autor é uma negativa da identidade cultural formada pela “mestiçagem”. Daí a ênfase de as identidades serem constituídas e reconstruídas nos meios de comunicação, fenômeno cultural de manipulação ideológica. Escosteguy (2010) nesse sentido explica a identidade cultural como discussão a progressiva transformação dos valores sociais e para explorar os diversos tecidos culturais que a compõem.



Para entender como os meios de comunicação constroem a identidade cultural Martin-Barbero (2008) introduz a noção de mediações, pois o sentido do texto depende dos grupos que tentam defini-la.

Sobrecarregada tanto pelos processos de transnacionalização quanto pela emergência de sujeitos sociais e identidades culturais novas, a comunicação está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se podem pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva. Assim, o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 261)

Na obra do autor, Escosteguy (2010) cita a descrição de três dinâmicas culturais que estão caracterizando as sociedades latino-americanas. A primeira é a reorganização das indústrias culturais em relação às identidades coletivas e as formas de diferenciação simbólica, entre as demarcações de culto/popular, tradicional/moderno e próprio/alheio. A segunda é a ação dos meios de comunicação que hibridizam, mas também separam e reforçam as divisões sociais legitimando-as culturalmente. A terceira seria o surgimento das subculturas que não estão ligadas à memória territorial, ou seja, a cultura de massa global que surge nos discursos da TV, cinema e da música e estão ligadas ao mercado global capitalista.

Os meios massivos unificam os padrões de consumo e proporcionam uma visão nacional de identidades. De acordo com Escosteguy (2010) esse projeto nacional se configura dentro do consumo, depende daquilo que se possui e do que pode chegar a possuir, a globalização e as economias globais foram reduzindo o papel dos referentes tradicionais da identificação nacional. Porém, a identidade é algo construído na narrativa incessante da história, não é algo definitivo.

Comunidades imaginadas

A nação é uma comunidade política imaginada (ANDERSON, 2008), é imaginada porque mesmo as menores comunidades talvez não conheçam todos os seus companheiros identitários, mas em qualquer lugar que se encontrem entenderão e terão em mente a comunhão entre eles. A nação também é limitada, segundo o autor, porque seus habitantes têm noção da finitude das suas fronteiras, e sabem que existem outras nações que partilham de códigos diferentes.



Os eventos históricos que permitiram às populações pensar a nação foi para Anderson (2008) o rebaixamento da língua sagrada principalmente pela igreja católica através do latim, a única língua ensinada porque as outras não eram consideradas dignas de ser aprendidas. O capitalismo tipográfico que buscava mercados consumidores possibilitou um processo de descentramento das línguas sagradas e a consequente descrença nas comunidades religiosas. Outra fragmentação na maneira de pensar o Estado foi o declínio dos reinos dinásticos que se expandiam não só pela guerra, mas na política sexual dos casamentos que uniam povos de diversas vertentes. Esses Estados dinásticos foram perdendo a legitimidade frente a uma crescente busca pela ideia de uma verdadeira nação.

A noção de *comunidades imaginadas* também é partilhada por Hobsbawm (1990) onde afirma que as nações modernas são imaginadas para preencher o vazio da desintegração das relações humanas trazidas pela modernidade. Para o autor o Estado e os movimentos sociais podem reativar a noção de vínculo coletivo, a esses laços ele nomeou “protonacionais”. Esses laços podem ser formas de identificação popular, ou seja, signos partilhados durante toda a vida e que circunscrevem os espaços reais dos indivíduos. O outro tipo de laço protonacional é o vínculo de grupos seletos com o poder institucional que expande a popularização. Porém, esses laços não podem ser confundidos com o nacionalismo moderno, “porque eles não têm nenhuma relação necessária com a unidade da organização política territorial que é o critério crucial daquilo que hoje entendemos como nação” (HOBSBAWM, 1990, p. 64).

Identidade brasileira

Um dos tipos de narrativa da cultura nacional apresentado por Hall (2006) é o “mito fundacional” no qual as origens da nação e do povo são contadas através de um passado histórico distante. Através dos mitos de origem que são construídas as características da nação e a união do povo. A relação entre o índio, o negro e o colonizador português é tida como a origem da miscigenação brasileira e forma os três principais legados culturais do país que DaMatta (1997) chama de “fábula das três raças”.

O passado colonial brasileiro revela muito do que hoje se denomina identidade nacional, a miscigenação cultural propiciou a formação de uma cultura através da mistura de crenças e hábitos. Gilberto Freyre (2003) compreende a estruturação da sociedade brasileira através de uma formação da sociedade a partir do patriarcalismo e da formação da família. A relação entre a Casa-grande e a senzala, segundo o autor, é o ponto de partida da estrutura social aqui



formada. A casa-grande tornou-se o centro político, econômico, social, religioso e sexual através das trocas com a senzala, parte dessa estrutura que dava coesão à sociedade. Essas relações dentro e fora da casa-grande eram pautadas a dar equilíbrio aos antagonismos sociais e propiciar harmonia ao todo cultural.

Com a chegada dos escravos negros as relações sociais se intensificaram entre a casa-grande e a senzala, a formação da família patriarcal estava atrelada a uma multidão de serviçais. Dessa mistura de áreas culturais começa a surgir a população brasileira com características distintas de outros povos. O crioulo amazonense que mais conservou as raízes indígenas, o sertanejo nordestino, o gaúcho especializado no pastoreio entre outras características foram desenhando a diversidade da população brasileira (RIBEIRO, 1995).

A construção da identidade brasileira passou por diversos estágios históricos, mas ficou em evidência após a independência em 1822 onde foi redescoberta a carta de Pero Vaz de Caminha no qual exalta as belezas naturais do país. A partir daí os símbolos que exaltam a nação ganharam força no hino nacional e na visão de Brasil como Nação. Na década de 1930 no governo de Getúlio Vargas se intensificou a união política e cultural do país potencializada pelos meios de comunicação, principalmente o rádio. A difusão da cultura nacional foi uniformizada através do samba, futebol, comida, entre outras características.

A identidade brasileira foi construída a partir de situações históricas e culturais que permitem pensar o que é ser brasileiro. As características que permitem pensar a identidade são inúmeras e todas elas são relevantes em seu caráter social. A miscigenação entre os povos indígenas, negros e portugueses; o país ter sido descoberto por Portugal e não pela Espanha; a família real ter vindo ao Brasil no século XIX; o primeiro imperador do país ser príncipe em Portugal, a república ter sido proclamada um ano depois da abolição da escravatura, todos esses eventos ajudam a construir o “Ser” brasileiro. “Cada sociedade apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para construir-se como algo único, maravilhoso, divino e “legal”... (DAMATTA, 1986, p. 11).

“O país do futebol” – A sociedade brasileira representada pelo esporte

Desde a independência política do Brasil muitas foram as tentativas de unificar a nação por meio cultural ou político. O amor a pátria e a identificação com o Estado se dava muitas vezes como legitimação do poder. Com a popularização do futebol houve reconhecimento desse esporte que possuía grande apelo popular, juntava o povo em torno de um time ou



seleção realmente “nacional”. Antes da descoberta futebolística do Brasil o país era dividido entre os símbolos cívicos como o hino, a bandeira e o nacionalismo que surgiram na modernidade ou entre as belezas naturais, a música e as tradições que reiteravam o cotidiano do brasileiro. Foi o futebol que juntou hino e povo (DAMATTA, 2006, p. 111), o esporte popularizou a ideia de nação que pertence a todos, desde o pobre que mora do subúrbio das grandes cidades até os “doutores” que ocupam altos cargos.

Inicialmente o futebol era praticado apenas pela elite da época, vedado aos negros e abastados socialmente também pelo seu alto custo, pois a maioria do material era importado. O futebol era praticado como lazer, diversão e ambiente de confraternização entre as elites, por isso ainda não despertava paixão por caracterizar o esporte de poucos. Posteriormente o esporte foi levado as fábricas onde os operários o praticavam em horário de almoço, disseminando o esporte em outras classes sociais.

O futebol foi ganhando a identificação popular ao logo do tempo, ao se massificar começou a se moldar ao jeito brasileiro e foi muito bem aceito no país, muitos ainda acreditam que o futebol nasceu no Brasil, de tão enraizado que está na cultura brasileira. O esporte passou a ser uma linguagem ritual (DAOLIO, 2005) começou a ser visto como uma representação da sociedade brasileira.

O futebol se consolidou no Brasil como um traço cultural único e vitorioso que representa a sociedade brasileira através do orgulho nacional. “Por meio do futebol, o brasileiro médio se encontra, identificando ali um estilo efetivamente “brasileiro”, indistinguível em outras áreas dominadas por elementos externos” (GUTERMAN, 2006, p. 29). Essa identificação com o esporte se tornou debate nos campos de estudos sociais desde o início do século XX. As características raciais da formação do povo brasileiro foi uma das questões levantadas, no qual a predominância negra da população refletiria a forma “gingada” de jogar futebol que seria uma herança da capoeira.

Análise do telejornal por categorias

Este trabalho utilizou a análise categorial temática como método de análise das mensagens, porque procurou nos discursos veiculados pelo Jornal Nacional, palavras e imagens que reproduzissem o sentido de identidade brasileira ou brasilidade na cobertura da copa do mundo 2014. Essas categorias temáticas foram formuladas a partir da leitura de autores como Gilberto Freyre (2003), Sérgio Buarque de Holanda (1995) e Roberto DaMatta



(1982,1997) e das análises feitas nas edições do telejornal. Foram analisadas seis edições do JN entre os dias 11 de junho e 08 de julho 2014, todas as edições onde houve cobertura dos jogos da seleção brasileira.

Criatividade

Nos discursos diferenciadores que permeiam a mídia nacional a malandragem brasileira decorrente da formação social é também um fator único do chamado “futebol-arte”. Para DaMatta (1986) o brasileiro tem dificuldade em assimilar as diferenças entre o pessoal e o impessoal, que o autor chama de dilema brasileiro. Em meio às leis universais o brasileiro busca uma forma de *navegação social* ultrapassando as regras em favor de uma qualidade pessoal de hierarquização. Esse jeitinho brasileiro se reflete no futebol através da malandragem e características dos jogadores como verdadeiros malandros ao desviar as situações desfavoráveis de um jogo em prol da vitória. Ao invés de cometer um falta e ser punido, o jogador brasileiro inventou os dribles, que além de ser uma forma de fugir do adversário também agrada pelo grau “artístico” de jogar.

O Jornal Nacional buscou por muitas vezes exaltar essa característica já solidificada no futebol brasileiro, mas na Copa de 2014, as edições do telejornal analisadas acentuam também uma crítica pela falta dessa criatividade nos jogadores brasileiros. O JN teve poucas oportunidades de exaltar essa característica da seleção, mas quando esta surgiu não deixou de reafirmar a criatividade e malandragem dos jogadores brasileiros, principalmente do atacante Neymar. Na edição do dia 11 de junho o repórter Erick Faria abriu a reportagem dizendo: “Neymar como sempre entrou em campo por último, fez como sempre um leve carinho no gramado e como sempre se divertiu no treino. Drible entre as pernas, o craque estava a vontade” (JORNAL NACIONAL, 11/06/2014). Giglio (2005) cita a construção do estilo brasileiro de jogo como um meio de consolidar nossa identidade, que simbolicamente se convencionou a ser chamado de futebol-arte.

Uma matéria do JN que também buscou reafirmar as características tradicionais da seleção foi a do dia 23 de junho, dia em que a seleção brasileira venceu Camarões já desclassificado na copa do mundo. Inicialmente o repórter Tino Marcos fez crítica ao estilo de jogo do Brasil baseado em passes longos, essa característica denota desorganização e fuga ao estilo natural brasileiro. Ao longo da matéria o repórter apresenta as qualidades do futebol jogado pela seleção brasileira e afirma “Agora sim, todos sabem, a seleção embalou” (JORNAL NACIONAL, 23/06/2014).



Individualismo

Dentre as expressões de identidade nacional expressas pelo futebol, o *Individualismo* é um assunto recorrente quando se trata do Brasil. Essa característica denota além de uma forma de afirmação individual em um jogo coletivo, outras características sociais do brasileiro como a alegria e relações de diferenciação com o outro. DaMatta (1982) reitera que um jogo de futebol demarca com nitidez uma interação complexa entre as regras universais e vontades individuais. O discurso cultural acentuado pela mídia foi durante muito tempo de que o futebol no Brasil possui a vantagem de contar com craques, “gênios da bola” que podem desequilibrar uma partida com qualidades individuais. Na copa de 2014 não foi diferente, pela falta de grandes talentos individuais, a mídia pautou seu discurso na figura de Neymar, exaustivamente comparado a jogadores do passado como Pelé.

A edição do JN que mais exaltou a figura de Neymar foi no dia 11 de junho, dia que antecedeu o primeiro jogo da seleção brasileira na copa. O repórter Eric Faria fez uma reportagem especial nessa edição lembrando a história do jogador na seleção brasileira, seus números impressionantes e a figura de craque. Na reportagem também foi feita uma comparação de Neymar com outros dois jogadores importantes em suas seleções, Lionel Messi (Argentina) e Cristiano Ronaldo (Portugal). O JN mostrou através de números uma suposta superioridade de Neymar em relação aos outros jogadores, o número maior de gols pela seleção e também o fato de ter marcado em seu jogo de estréia. A figura individual de Neymar representa a característica brasileira de individualismo e futebol-arte através dos craques genuinamente brasileiros. Isso é observado em DaMatta (1982, p. 39) “em uma sociedade altamente hierarquizante como a sociedade brasileira, o espaço criado pelo futebol, abre a possibilidade de expressão individualizada e livre.” Em meio as relações sociais de hierarquização e submissão o futebol é um meio de se destacar individualmente no Brasil, mesmo sendo em um jogo coletivo, no país as qualidades individuais são preservadas desde as seleções de base.

Misticismo

A sociedade para Castells (2001) tem o atributo de encontrar consolo na religião, mas mais do que isso as pessoas, independente da cultura, estão ligadas ao que se refere ao universo místico ou a rituais de superstição. No Brasil a miscigenação das raças e das culturas é evidenciada também na religiosidade que apesar da predominância do catolicismo, o sincretismo religioso é acentuado. O brasileiro é um indivíduo ligado ao místico e nas



tradições religiosas e para DaMatta (1984) as crenças formam no Brasil um sistema de complementaridade.

O futebol como manifestação sociocultural é fonte de preces e muitas superstições no ato de torcer. Jogadores e torcedores lançam mão de artifícios sobrenaturais ou crenças em rituais que supostamente os ajudarão a conseguir a vitória. O esporte funciona como uma extensão da sociedade e dos anseios decorrentes das *dramatizações* da vida. Para Daolio (2005) isso não significa que o futebol estimula as práticas supersticiosas, mas que expressa uma visão de mundo da população brasileira. Outro fator que influencia a crença no mítico é a imprevisibilidade do futebol em relação aos resultados.

A superstição esteve presente em vários momentos na cobertura do JN na copa, principalmente nos comentários de Galvão Bueno sobre os uniformes e sobre as copas anteriores. Na edição do dia 11 de junho Galvão informou que a seleção brasileira iria fazer seu primeiro jogo com o uniforme oficial: camisa amarela, calção azul e meias brancas; depois o comentário foi sobre a importância do uniforme oficial, pois muitos brasileiros acreditam que a camisa azul dá má sorte.

A edição que mais fez referência ao misticismo foi no jogo de Brasil X Chile no dia 28 de junho. A vitória da seleção brasileira ao vencer nos pênaltis foi exaltada além da figura de herói de Júlio César como das preces do torcedor que rezou e fez rituais em favor dessa vitória. Na reportagem que mostrava os torcedores assistindo ao jogo em um telão no Maracanã o repórter Paulo Renato Soares fez referência a essas crenças. “Quando fomos para os pênaltis, a oração silenciosa de Dona Helena empurrou o time”. Em outra matéria Marcos Uchôa também comentou “Tinha torcedor pedindo ajuda dos céus, as coisas não estavam fáceis para o camisa 10”. As crenças podem vir da religião e do sendo comum e para aqueles que a praticam são formas naturalizadas de acreditar em algo. Para Daolio (2005) os indivíduos buscam no sentido de suas ações um fim prático que resulte naquilo que desejam alcançar.

No Brasil a religiosidade se dá não por obrigações a rituais, a religiosidade possui caráter mais intimista, mais familiar. O brasileiro tem uma intimidade com os santos, que para Holanda (1995) essa intimidade é quase desrespeitosa, as cerimônias e rituais tem caráter harmônico, fraterno e intimista. “No Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza”. (HOLANDA, 1995, p. 149)



No JN as referências às superstições dos torcedores, jogadores, técnico e demais envolvidos foi interpretada como condição cultural dos brasileiros presentes em todo o território. Independente do lugar geográfico que os torcedores estavam assistindo aos jogos o sentimento era de pertencimento às crenças que unificam o povo brasileiro. Nas matérias analisadas menções como “os santos foram chamados”, as “preces foram atendidas” e os “santos hoje não falharam” foram recorrentes.

Bravura

O brasileiro é tido como um indivíduo alegre e lutador que enfrenta as dificuldades com raça e “honra” a camisa até o fim. No futebol essa característica de bravura apareceu no JN em algumas ocasiões e a crítica a falta dela em outras. O discurso em relação à seleção brasileira era de que mesmo não jogando o seu melhor futebol a garra e raça dos jogadores fazia toda a diferença. Os erros técnicos e táticos sempre eram solucionados com bravura, com amor a camisa e a honra de estar jogando uma copa “em casa”.

Na edição do dia 28 de junho a matéria feita pelo repórter Tino Marcos mostrou os erros que a seleção brasileira cometeu, mas exaltou a bravura de Hulk a ser um dos poucos jogadores a jogar com vontade, com a raça característica dos brasileiros. O repórter afirmou: “Hulk era um dos símbolos da raça do time brasileiro. Merecia um gol, fez o gol, festejou o gol, mas o juiz não deu” (JORNAL NACIONAL, 28/06/2014). Essa afirmação representa a figura de Hulk como jogador de bravura que tentou ajudar o time a ganhar, a vitória só não veio pelo erro do árbitro e não pela falta de vontade.

A relação com a bravura e destemor também personificam as figuras dos heróis de um povo. Frequentemente os jogadores eram chamados através das matérias do JN de heróis, aqueles que lutavam para manter vivo o sonho do título, o hexacampeonato. Além da figura de Neymar frequentemente personificado em herói, os jogadores David Luís, Thiago Silva e Júlio César assumiam essa postura. Para Carvalho (1990) heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva.

Exaltação dos símbolos nacionais

As nações são *imaginadas* a partir de um aparato de símbolos que pretendem unificar um povo por meio da cultura e da história. O hino e a bandeira são símbolos oficiais que



representam o país dentro e fora do território, já as manifestações culturais como futebol e carnaval (no caso do Brasil) se utilizam desses símbolos para reafirmar essas manifestações como representantes da identidade cultural do país. Para Magalhães (2010) o futebol integra a identidade nacional dos brasileiros, e por isso ganha mais força na época de copa do mundo, como faz parte da identidade nacional o hino e a bandeira também são associados a esse nacionalismo.

Em todas as edições analisadas a figura do brasileiro que canta o hino e empurra a seleção em campo foi explorada e exaltada no decorrer na cobertura da copa. Na edição do Jornal Nacional no dia 17 de junho foi o dia em que Brasil empatou com o México, a frustração dos brasileiros era evidente, mas o telejornal mostrou como os brasileiros cantaram o hino e apoiaram a seleção. Em outras matérias os torcedores nas festas realizadas pela FIFA (Fifa fanfest) e em todas as regiões do país também cantavam com orgulho. Na reportagem de Tino Marcos dessa edição o repórter falou: “Começou bem, com o hino em altíssimos decibéis, no gogó e na emoção, Daniel Alves de veias saltadas, braços unidos diante da bandeira e lágrimas de Neymar”. (JORNAL NACIONAL, 17/06/2014).

Considerações finais

O Brasil é conhecido mundialmente como o “país do futebol”, característica reforçada tanto pela mídia nacional como a internacional que estampou manchetes da derrota do Brasil nas semifinais da copa do mundo para a Alemanha afirmando-a como humilhação nacional. O Jornal Nacional mostrou essas manchetes dos jornais mais importantes do mundo como afirmação do vexame que repercutiu em todos os países, isso evidencia a preocupação com a identidade brasileira em comparação com o estrangeiro.

Este trabalho teve como questionamento principal analisar de que modo a identidade brasileira foi construída pelo Jornal Nacional da Rede Globo na copa do mundo 2014. Através das categorias que se fizeram presentes nas edições do telejornal percebeu-se um reforço de uma identidade cultural que foi se moldando, construída através de vários movimentos históricos. No futebol a imagem positiva do malandro brasileiro e da própria malandragem consolidadas desde a Copa de 1950.

Em todas as edições do JN o torcedor foi fator primordial nas reportagens, a materialização das características identitárias se fazia valer dentro de campo e na representação social do Brasil nas torcidas. A cordialidade, garra, criatividade, fê no



misticismo e alegria eram fatores que unificavam o país através do futebol, o esporte juntava todos os meios dessa unificação. “O futebol-arte resgata outros elementos que formam nossa identidade, como a dança, o gingado e a sedução, uma representação da própria latinidade” (MAGALHÃES, 2010, p. 132).

Através dos estereótipos que permeiam a identidade brasileira através do futebol é possível concluir que a análise do *corpus* da pesquisa evidenciou três características citadas por DaMatta (1982) que relacionam o esporte futebol com o jogo na sociedade brasileira. A primeira é que há o jogo disputado em campo pelos jogadores; a segunda é o jogo da vida real jogado pela população que busca no futebol as mudanças sociais desejadas, o hexacampeonato é tido como realização pessoal e coletiva; a terceira é do jogo do *outro mundo* onde as entidades são chamadas a resolver aquilo que não é possível no plano material. Em várias situações foi observado essas associações nas reportagens no Jornal Nacional, os torcedores em festa com a vitória, em luto com a derrota e recorrendo ao misticismo para ajudar os jogadores.

Referências Bibliográficas

- ⁴ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar. 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo. Edições 70. 1977.
- CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: O imaginário da República no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, sociedade e cultura- vol II. O poder da Identidade**. Lisboa. Gulbenkian. 2003.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1986.
- _____. **A bola corre mais que os homens: Duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol**. Rio de Janeiro. Rocco. 2006.
- _____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro. Rocco. 1997.
- _____. (Org) **Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro. Pinakotheke. 1982.
- DAOLIO, Jocimar. **A superstição no futebol brasileiro**. In DAOLIO, Jocimar (org) **Futebol Cultura e sociedade**. Campinas. Autores associados. 2005



ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte. Autêntica. 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª Ed. São Paulo. Global. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ªed. Rio de Janeiro. DP&A 2006.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv. (Org). Belo Horizonte. Editora UFMG.. 2003

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo. Arquivo Público do Estado. 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5ªed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2008.